



E L E N C O



Pe. ROQUE

Pe. RODRIGUES

NIENGUIRU: autoridade militar nas reduções

NHECUM: Supremo morobixaba de Caaró

TUCANO: Índio Jovem

POTIRAVA: Pagé

MARANGOÁ:--Guerreiro Guarani

FERNÃO: Mameluco

BATECLAVA: Índio Carijó

ANCIÃO GUARANI

MENSAGEIRO GUARANI

POPULAÇÃO DE CAARÓ (índios)

GUARDA DAS REDUÇÕES: (Soldados de Nienguiru)

É P O C A

Brasil Colonial: Sec. XVII: (1628)

AUSPÍCIOS RISONHOS E SINISTROS

Primeiro cenário: Clareira no mato; taba nos fundos.

I Cena

TUCANO - ( só, preparando o lugar para o grande conselho, - tocos para assento, fogueira, água quente para chimarrão.)

Upa! Tucano trabalha como cacique! Mais um pouco e poderá enfiar na cabeleira as plumas de morobixaba. Papai Tiltango me mandou arrumar êsse lugar para... para... - não me lembro como êle disse.... coisa de grande conselho, si não me engano. Eu por mim acho que vão tratar dos Pais brancos. Eu já vi um; não usava penas na cabeça nem arco e nem sequer uma tanga como essa.

Mas tinha um vestido preto, - preto como a plumagem do chopim. Dizem que êles gostam dos meninos vermelhos, e lhes trazem tamborzinhos, fundas e anzóis, e umas tangas para os braços e pernas. Tomara que êles viessem para cá! mas o nosso pagé Potirava os quizera tragar com carne e osso. E o pagé é mau muito mau, êle não os deixará entrar... Também êsse feiticeiro... E êle não gosta nada dos meninos. Mas hoje aprenderá a respeitar Tucano. - Qual será o seu assento? De certo aquêle mais afastado, porque sempre precisa de lugar para os seus tregeitos e feitiços (imita) Vou sujar-lhe a valer o assento (dispõe-se a fazê-lo)... Mas se Papai se assentasse aqui? (lembrando-se das sovas) Ai! Ai!.. Vamos deixar disso! (toque de corneta) Upa! O toque do Morobixaba! êles aí vem, - toca para fora! (sai)

II Cena

( Entram o Morobixaba Nheçum, Tiltango, Potirava e Marangoa; todos se colocam diante de seus assentos, só Nheçum se assenta; o primeiro dos três outros adianta-se vagaroso para Nheçum, inclina-se diante dêle, depositando-lhe aos pés as armas e permanecendo nesta posição até que Nheçum lhe toca a cabeça com a sua insígnia de morobixaba; ao depois do guerreiro toma novamente das suas armas e volta para assentar-se; o mesmo fazem os outros; durante o conselho circula a cuia).

Nheçum - (impado) Com que estão chamastes ao vosso conselho o morobixaba Nheçum, temido de quantos guerreiros vermelhos e tigres pisam as matas dos guaranis?

Tiltango - É caso muito sério. Estão dirigindo os passos às nossas cabanas de Caaró uns rostos pálidos, aqueles de longa saia preta. Vindos de país longíquos, arribaram em terras guaranis, e andam por aí apregoando um Grande Espírito que dizem ter criado céus e terras, - também as dos guaranis. Ora a ti, valente morobixaba, os nossos espíritos te dotaram de mais prudência e astúcia que a caninana silvestre. Por isso nós cá te chamamos, para que nos dêes o teu parecer acerca dêsses vestes-negras. Quizeramos acolhê-los com festas; mas o nosso pagé aí nos está detendo diasso.





POTIRAVA - É sim, e detor-va-se, enquanto os olhos do teu espírito virem no coruscar das serpentes de fogo e seus ouvidos ouvirem o ribombar dos trovões que os rostos pálidos cavarão a sepultura da nossa raça.

MARANGOÁ - E Marangoá está de parecer que a vez do pagó, o amigo dos espíritos, não se deve desprezar. Por boas e tigrés! Que íamos fazendo... Desde tempos imemoráveis o nosso povo guarani venera os seus pagés e de seus lábios escuta a voz dos espíritos. Disseram nossos avós que menosprezar os pagés é acarretar saraiva, peste e fome sobre a nação. E das venerandas tradições dos nossos avós não há passado quaddelas arredar, enquanto em nossas veias ainda circular o sangue guarani. Por isso - tende lá mão! Longe com os vestes-negras!

NHEÇUM - Mas caramba! Que tens tu e que tem o pagó contra ôstes rostos pálidos? Também eu outrora me arrenegava só ao ouvir falar dêles. Quando, porém, os vi de mais perto, acalmou-se-me a zanga. Imaginem vocês: um dô-les que lá chamam de Pe. Roque, me pediu que o acompanhasse à grande taba cristã de São Nicolau. Aí me festejaram que não vos digo nada - aquilo era só ver. A aldeia em pôse com os vestes-negras à frente saiu ao meu encontro. Sopravam numas roscas de metal, batiam em tambores sem número, atiravam pipocas aos ares e mil bôcas clamavam: Viva Nheçum! - Dêste modo honraram por iniciativa de um veste-negra ao supremo morobixaba das selvas de Caaró. E êle tão contente ficou, que lhes construiu nova morada e casa de oração.

TILTANGO - Guaranis, quem assin honra a nossa raça, não merecerá que nós lhe paguemos a distinção, acolhendo-o em nossa aldeia? E vêde: e ficaremos amigos dos poderosos rostos pálidos, do grande cacique dos hespanhóis, Felipe IV, que mora além da grande água salgada. Aprenderemos a fazer música como os de S. Nicolau, e também a rabiscar e entender a fala muda em fôlhas brancas. Receberemos machados, serretos de ferro e canos de fogo para matar tigrés e carijós (imita tudo com gestos). E além disse êles nos hão de dizer como é aquilo para lá da vida, no país de grande Tupan.

NHEÇUM - Muito ben falou a língua de Tiltango. A mesma opinião Nheçum a tem.

POTIRAVA - (raivoso) Recebei-os, recebei-os! Mas Potirava não irá aos festejos da recepção, que aos ouvidos dos espíritos soarão como funerais plangentes para as ruínas de Caaró.

MARANGOÁ - E se o amigo dos espíritos não tomar parte, nem Marangoá a tomará, que em seu peito ainda pulsa um coração de guarani que quer viver livre na mata virgem, mas não ser troncado no curral duma redução. Como meus avós guaranis quero viver lá, onde reboea o rugir dos tigrés e o branir das cascatas. De arco e flecha na mão quero correr as florestas dos Tapes, e não manejar no campo aberto o cabo de pau com chapa de ferro na ponta, plantando milho e mandioca em treco dos araçás, tucuns e côcos que me fornecem as selvas. - Longe com os vestes-negras, enquanto eu fôr guarani e me chamar Marangoá.



- NHEÇUM- Ah, seu pedaço de bumbô! Si não queres aceitar minha opinião, porque então cá me chamaste?
- MARANGO- És o supremo morubixaba da nossa confederação e Marangos não poderá opor-se, sê introduzires os rostos pálidos. Mas tomar parte nos festejos de recepção, isso nunca! Nome e sangue no veda m. Marangos tem falado (Potirava aprova)
- Tiltango- Os festejos com vossa ausência nada perderão. Recebemos, portanto, os vestes brancas.
- NHEÇUM- Pois bem. Ouvi minha sentença. Os vestes negras serão recebidos. Destinem-se-lhes cabanas. Sairemos jubilosos ao seu encontro, aclamando-os assim como a mim aclamaram. Potirava e Marangos têm permissão em ficar em suas tendas.
- TILTANGO- Eles não poderão tardar. Saíamos a recebê-los.
- NHEÇUM- (a Tiltango) Toma aí a buzina do morubixaba e publica a minha decisão (sem Nheçum e Tiltango soprando na buzina)
- POTIRAVA- (saíndo pelo lado oposto) Raio e maldição saírem os espíritos sobre êstes rostos pálidos!
- MARANGO- (saíndo) Malditos estrangeiros! Não de ver-se comigo!

.....

(Tiltango dá uma volta, tocando e chamando: Guarani! Guarani! Tupan, o grande Espírito, nos prepara uma grande alegria. Daqui a pouco comparecerão em nossa aldeia como mensageiros seus, dois vestes brancas, que nos querem fazer filhos de Tupan. Nosso supremo morubixaba deu ordem de recebê-los com festas! )

(Vozes jubilosa, dança e canto em torno da fogueira:

Csaró qué a sua liberdade  
Csaró vai dá muito que falá  
Csaró é irmão na igualdade  
Csaró qué a paz e vai buscê.

Csaró tem no sangue amor à terra  
E por ela se luta até morrerê.  
Traz na força do braço paz e guerra  
Liberdade se tem que merecê.

Csaró não se abste nem se cansa  
Traz destino na mão e vai vencê.  
Csaró não espera a esperança  
Aaa, luta e vai vencê.

.....



SEGUNDO CENARIO

Alto da colina fronteira a Caaró; alguma vegetação.



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

I Cena.

( Entram em traje de viajantes Pe. Roque e Pe. Rodrigues, conduzidos por Nienguirú)

NIENGUIRÚ - Mensageiros do grande Tupan, eis a vossos pés a aldeia de Caaró, pela qual tanto suspirastes.

Pe. Roque - Deo Gratias! enfim! mas que encantadora aldeia! Vêde lá embaixo o arroio a serpear pela verde planície. E lá à direita, não é essa borda da tal grande e escura floresta de Tapes?

NIENGUIRÚ - É ela mesma.

Pe. ROQUE - Magnífico terreno ôste para a nova redução. Realizaram-se enfim os nossos sonhos. Caaró fecha o elo das nossas reduções. Daqui em diante estamos protegidos de qualquer ataque de fora. E abriram-se-nos ao mesmo tempo as portas para o vasto país dos Tapes que se estendem até o Oceano Atlântico. Bendita seja a Providência que nos guiou os passos.

NIENGUIRÚ - Sim, bendita seja, mas o principal é que falta: Acolherão os Caarenses os mensageiros do grande Tupan? Não sei... sempre estou a recear. Acompanhei-vos até cá para evitar que ôstes indígenas selvagens não façam mal aos pais brancos.

Pe. ROQUE - Valente general, teu coração se inquieta demais pelo nosso bem-estar.

Pe. RODRIGUES - (que entretanto contemplara a planície) Pe. Superior, também eu - não sei que pressentimentos me sobrevêm. Milhares de vêzes encarei a morte, certo de me sair ileso. Mas agora parece-me pressentir que a aldeia a nossos pés vai ser a sepultura de dois missionários.

Pe. ROQUE - Receios... Eheçum, o supremo morobixaba de todos os arredores já é nosso amigo, e cuido que não tardará em submeter-se à lei de Cristo.

NIENGUIRÚ - Aquelo... sujeitar-se a lei de Cristo? Antes irão à igreja os javalis, do que converter-se sem milagre aquele supersticioso e davasso





merobixaba que por seus esbirros sua corte feniil é venerado como divindade.

Pe. ROQUE - Mas dênos que teus receios se cumpram; que maior dita nos poderia esperar do a do martírio?

NIENGUIRÚ - (espantado) Como? que dizes? deixar que te matem? não, mil vözes não. Quantas vözes te disse que isto seria dar com um espantalho no meio rebanho cristão. Todos os meus irmãos vermelhos fugiriam às selvas. Para proteger a vossa preciosa vida é que o tuxava Nienguirú veio convosco: êle na hora do perigo não arredará ao vosso lado.

Pe. ROQUE - Mas vô, teus deveres de merobixaba te mandam voltar para junto do teu povo.

NIENGUIRÚ - Melhor fôra que também vós voltásseis comigo. Nheçum, o incostante merobixaba... P tirava o enfiabrado pagé... Pais brancos, ao menos permitireis que não me retire já. Entrarei convosco na aldeia: as palavras do temido tuxava Nienguirú já saberão inculcar aos Caaronses a que conservem e protejam o raro tesouro que lhes confio.

Pe. RODRIGUES - Que é isso lá embaixo? Estarão errando a aldeia?

Pe. ROQUE - Fora com receios! Temor não é conosco. Deus preparou os corações dos selvagens: estão-se aprestando para acolher com festas os enviados do grande Tupan.

NIENGUIRÚ - Praza aos céus que não seja fingimento ou traição. He, espada valente, estejas à mão!

Pe. RODRIGUES - Vêde lá embaixo: o merobixaba, os tuxabas guaranis, de gala, estão vindo em nossa direção.

Pe. ROQUE - General Nienguirú, vamos ao seu encôntro, ao encôntro das ovelhinhas que o Pai Celeste conduz das matas virgens ao aprisco. (saem)

## II Cena

Entra

FERNÃO - (espiondo teneroso para todos os lados) Ei-los lá vão, (cerrando os punhos) Ai de vós se cruzardes os meus passos! Mas quem pode duvidar disso? O Pe. Roque - permitir que eu negocio com os índios? E si chegasse a saber que ando emboscado aqui perto, com uma lancha no Rio Ijuí, de porão escancarado para abocanhar escravos que quero caçar - e mesmo si fôsse o próprio Nheçum? Mas por São Paulo! juro-vos vingança formidável, si entorvardes os meus passos. Em todo o caso será preciso que os padres não me vejam. (batendo cen o pé) Mil raios os levem! Deverem êles chegar justamente a estas horas e pôr-se-me de perneio! (Ouve-se o jubilar da multidão) Como? Que é que tenho de ouvir agora? Vão tendo entrada soleno? E aqui está o Fernão en sóco! Como sair-me desta?... Vou esconder-me naquela floresta e procurar antes de tudo congraçar-me com o pagé Potirava. Junto com êle hei de evitar que os padres se estabeleçam na aldeia, pois aliás - adeus negócios! (saída falsa) Caluda! Ruído de passos? Txi! Era





uma vez um Fernão, si os Padres quizerem da minha presença. (procura amoitar-se; reconhece Potirava) Ah, ó Potirava em pessoa.... que pechincha.

### III Cena

(Vai ao encontro de Potirava que entra) Salve, divinal pagé!

POTIRAVA - Fernão? Tu por aqui? Vens afinal trazer-nos as mercadorias prometidas? será?

FERNÃO - (sedutor) Tudo que quizeres: facas, cuias, machados, espelhos, tudo em penca - muito mais que todos os veste-negras do mundo que vos podem dar.

POTIRAVA - (batendo com o pé) T'arrenego! Não me fales dessas criaturas. Potirava está enfurecido como puna assanha da a quem roubaram a cria.

FERNÃO - (à parte) Terreno já preparado? sondemos... (alto) Mas, Potirava, que vem a ser isso? Tua aldeia lá embaixo está nadando em festas - e tu, oráculo dos espíritos, o braço direito do morobixaba, nem estás por lá? Por ventura já te estás preparando para o batismo?

POTIRAVA - Não quizeram atender à voz dos espíritos e contra a vontade dos elementos acolheram os restos pálidos.

FERNÃO - (fingindo) Como? Acolheram os vestes-negras? Então, amigo, passar bem! - Até mais não ver. Já não precisas dos meus presentes; êles te trazem bastantes. (saída falsa)

POTIRAVA - (retendo-o) Fica, fica, tu és o único estelo da nossa tribu, prestes a sucumbir.

FERNÃO - Para que ainda ficar?

POTIRAVA - Olha, que ainda não está perdido tudo. Com a tua ajuda talvez ainda dê de pôr fora os odiados estrangeiros.

FERNÃO - Ha... Ha... com minha ajuda? Bonito! Basta que o Pe. Roque saiba do meu paraleiro aqui - e o teu Fernão voa de pernas para o ar país afora.

POTIRAVA - Faltava ainda... Antes de voares, há de voar êle.

FERNÃO - (sedutor) Nêste caso é forçoso agir já.

POTIRAVA - O negócio depende somente de Nheçun: inimizado êle com os restos pálidos, - o resto é uma bagatela!

FERNÃO - Ah! si fôr só isso - lance ganho. Meus presentes de pólvora, chumbo, contas de vidro arrajarão mais com Nheçun do que todos os sernões e benzeduras do Pe. Roque.

POTIRAVA - Ha... Estás enganado. Êste cacique altivo e impertigado...

FERNÃO - (hesita e pensa) Espera... Quem sabe?!... Achei, é isto mesmo! Que mina! Vamos inimizar o Pe. Roque com Nheçun. Nada mais fácil de isto.

### IV Cena

MARANGOÁ - (entra precipitado, sem dar pela presença de Fernão) Ah, Potirava tudo perdido! (joga fora arco e flecha) Já a cruz estrangeira campeia na praça de Caaró. Mas Caaró já não se chama, como há centenas de primaveras





se chamava, nas sin aldeia Todos os Santos. Nheçum fôz aos vestes-negras uma saudação que foi aplaudida por todos os Caarenses. Morreu a boa fé do nosso povo guarani. Tiltango foi nomeado Corregedor da nova Redução. Esta será solenemente inaugurada 4 dias depois da próxima lua cheia. Virão à festa Manguirú e muitos outros tuxavas cristãos. Meu pagó, prostrados à porta da sepultura, choram e pranteamos o ceaso da nossa outrera tão gloriosa tribu guarani.

POTIRAVA - Qual ceaso, nem mais ceaso! - Já deste pela presença deste compadre aqui?

MARANGO - (após pausa de admiração) Fernão, o nosso amigo Fernão! (saudan-se uma a mão direita sôbre o ombro do outro) Mas ai, neste triste estado de coisas....

FERNÃO - Sossoga, Marango, sossoga, compadre, que tudo se arranja. (mudando de tom) Gostas de machado, de espingarda, de chumbo de punhal?

MARANGO - Pergunta à caça no alçapão, se quer ver-se livre dos laços.

FERNÃO - Pois tudo terás e mais a expulsão dos vestes-negras, si...

MARANGO - Si...si... fala, fala.

POTIRAVA - Psiu! caladinhos! Vêde aí Nienguirú, de volta à sua tribu. Élo, vende a nossa honrada companhia... não estou pelas consequências. às noitas, depressa! (escondem-se)

#### V Cena

NIENGUIRÚ - Volto para o meu povo. E o Pe. Roque voltará também? Ah, si os nossos pais não regressarem...! Nheçum, como parece, os acolheu como amigo, e o Pe. Roque espera poder abrir no dia 15 dêste mês uma redução de várias centenas de famílias. Mas certo é - dia virá em que os pais brancos terão que tocar na chaga viva do luxurioso morobixaba. E então ... Potirava não o vi na festa. Outro índio atrás dumacabana revolvia uns olhos de tigre, cerrando os punhos e afastando-se depois para o nato. Encarreguei a Tiltango de vigiar sem treguas ao intrigante do pagó. Ai de ti, Caaró, si esbanjares o precioso tesoure que te confiei! Como as garras de um condor a quem arrebatam os filhos, se engravam nas costas do audás depredador, tal sentirás tombar sôbre ti a fôrrea não do tenido general Nienguirú. E tu, grande Pai dos cristãos, cobre com o teu manto protetor os nossos pais queridos. (afasta-se, moncoando com o capacete em despedida)

#### VI Cena

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Tornam a aparecer um por um os conjurados)

POTIRAVA - (coçando a cabeça) Kiboto! Kizena! Esta nuvem carregada felizmente passou.

FERNÃO - T'arrenego! Esse bugre aí parece que não está para bricadeiras!

MARANGO - Bravatas dôlei! Mora longe, muito longe; não nos pode fazer mal algum. Revela-me, Fernão, o teu plano salvador. Mostra-me o que quiseres.



Pois Marangoa com solene juramento, jurado pelas divindades de seus avós se devota a não descansar um momento, até que a raça guarani esteja libertada do jugo dos vestes-negras. Estou morto por saber a tua saída.

FERNÃO - Escutai. Trata-se de exasperar o herobixaba Nhegum contra os vestes-negras. Para isso eu proponho pegar vivo um índio da tribo dos carijós, os danados inimigos dos Carés, e expô-lo à vista de Nhegum. Este sem demora quererá estrangulá-lo. Mas os padres, os pagés cristãos que proíbem matar gente, se oporão a isto. E já terenos os galos em briga.

MARANGOA - Que espírito illustrou assim a tua cabeça? Já amanhã sairei à caça de um carijó; e Marangoa não há de progar ôlha até colher vivo um odiado botocudo. Amarrá-lo-ei aos pés de Nhegum. E então - boas festas, vestes-negras! E tu, gloriosa tribo guarani, hás de jubilar como a onca ovadida da armadilha.

POTIRAVA - E raiará o triunfo para os espíritos.

FERNÃO - (à parte) E inchará o meu bolso!

Desce o pano.



## NUVENS SOMBRIAS

Primeiro cenário: Praça de Caaró; do lado de fora a nova igreja em construção; andaimas visíveis; durante as seguintes falas passa de vez em quando pela cena algum índio, carregando instrumentos e material de construção)

### I Cena

Pe. RODRIGUES - (só, contemplando o trabalho) Que faina nesta boa gente dantes selvagem agora zelosa para construir uma casa ao grande Tupan. Querem terminá-la a todo custo até depois de amanhã. Admirável foi a graça divina na alma destes filhos das selvas. Mas será estável a mudança? Estes índios são muito volúveis. Nheçun mostrou-se amigo até, mas... E até corre boato de que no Rio Ijuí foi avistada uma cabanação manolua. O pagé Potirava anda tão retraído... dias inteiros vagueia pelo mato, como si fôsse a visitar alguém. E o Pe. Roque não desconfia. Já desde a manhã cêdo está batendo montes e vales à procura de ovelhas bravias.ORA, aí vem êle voltando.

### II Cena

Pe. ROQUE - (chapéu de abas largas, bengala; os índios logo o cercam, saudando-o alegres) Bravos, meus filhos! Trabalhando assim, o grande Tupan goste de vocês. (alegres voltam ao trabalho) Salve Pe. Rodrigues, tudo às mil maravilhas! Nada menos de 400 famílias...

Pe. RODRIGUES - Como? 400 famílias? Possível?

Pe. ROQUE - Tal qual! 400 famílias angariadas para a nova Redução. Que grandioso vai ser o dia 15 de novembro! Agora também vós, bom padre, temereis um pouco mais de alegria e confiança, não?

Pe. RODRIGUES - À vista disse sim, Pe. Superior. Vou entendendo que o coração de índio sempre é bom terreno para a doutrina cristã. Mas é preciso ter muita paciência. Tenho a contar-lhe que hoje de manhã me esvaziaram as galinhas antes da missa. Adiram-se o grandemente o estranho mandamento sobre a propriedade alheia, pior ainda é com a constância do trabalho: ontem à tarde limpavam o terreno para a nova aldeia. De repente param atentos: aquilo não era como o grunhir de uma vara de javali do mato? Sem duvidar um instante todos quantos largam o trabalho e correm ao mato com machados, enxadas e... Só noite cerrada é que voltaram.

Pe. ROQUE - Ora, esta é uma experiência desde muito observada. Apesar disso com vagar e paciência êles tornam aplicados. Então já não se lembra da fundação da aldeia dos Apóstolos? Nos primeiros dias, arando êles no campo, fizeram do arado achas de lenha para fogueira e dos bois postas de carne para churrasco. E hoje envergonham qualquer povoação espanhola. Aí está vindo a propósito o corregedor Tiltango. Corra V.Rev. à nessa cabana,





e traga aí a caixa dos presentes vindos ontem de Assunção. ( Pe. Rodrigues sai )

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

### III cena.

TILTANGO - (entra, carregando uma cerra) A tua bânção pai branco, (ajoelha).  
Pe. ROQUE - O grande Tupan te abençoe meu filho! (fá-lo levantar-se) Então, corregedor, como vais no teu posto?

TILTANGO - Pais brancos, vós... seis uns mensageiros do céu, vindos para nos fazer felizes a nós, pobre filhos das matas.

Pe. ROQUE - Sim, o grande Tupan, quer fazer-vos filhos de Deus.

TILTANGO - Filhos do grande Tupan...! Será depois de amanhã, não é?

Pe. ROQUE - Para as crianças será depois de amanhã. Vós grandes deveis primeiro instruir-vos.

TILTANGO - Então o meu filhinho, o meu Tucano, será batizado depois de amanhã?  
O festa! Verdade é, Tucano tôda a vida foi um malandro, mas... filho do grande Tupan... a coisa muda.

### IV Cena.

( Volta o Pe. Rodrigues com a caixa dos presentes; ao longe vozeria confusa que se vem aproximando )

Pe. ROQUE - Ah, a caixa! Muito bem, Adivinha, Tiltango, o que vai nesta caixa, para vós, filhos meus.

TILTANGO - (incrédulo) Para nós? não diga...

Pe. ROQUE - Sim, para tu distribuíres entre a tua gente.

(a gritaria mais de perto; ouvem-se os gritos: Pega, Morra!)

Que bulha estranha esta? Tiltango, vai ver o que é. (Tiltango sai) (ao Pe. Rodrigues) Na certa, - Nova vara de javalis.

( Os trabalhadores, deixando o trabalho, correm pela cena, brandindo serras e martelos e bradando: Morra! Pega! )

TILTANGO - (voltando apressado) Pe. Roque, que festança! Está aí um carijó botocado.

Pe. RODRIGUES - (ao Pe. Roque) São os inimigos encarniçados dos guaranis. Urge salvá-lo.

TILTANGO - (impaciente) Pais, tonai aí um pau para atacá-lo: quer escapar por aqui.

Pe. Roque - Pára, Tiltango, pára! Não o mates, O grande Tupan não o quer!

### V Cena

( Entra angustiado e esfarrapado um carijó, olha em redor como a procurar refúgio; corre para junto dos padres e abriga-se por detrás deles. )

CARIJÓ - Restos pálidos, salvai-me vós das garras d'ôstes tigres!

( .. pista do carijó entra a multidão, à frente Nheçun, Potirava e Marangoa brandindo tôda a sorte de armas e ferramentas e gritando: Morra! )





Pe. ROQUE - (Calmo e impetuoso, adiantando-se um passo) Filhos, que quereis?  
NHEÇUM - (furioso) Raios e trevoões! Para cá com o carijó que se escondeu atrás de ti.

TODOS - Entrega o botocudo! Entregal!

Pe. ROQUE - E que quereis fazer com êle?

MUITOS - Trucidá-lo, estrangulá-lo! espetá-lo! (Avançam como para arrancar o carijó atrás do padre).

Pe. ROQUE - (opondo-lhes as mãos, incisivo, eloquente) Filhos, que ides fazer? Quereis tirar a vida d'êste indígena, agora que levantais a casa do Pai dos céus? Mas não é êle o Pai de todos os peles vermelhas? Guaranis, si êle lá do céu exigisse a morte d'êste infeliz, vós o mataríeis, não? (aprovação geral) Mas, nobres guerreiros, como mensageiro do grande Tupan vos digo: Tupan o ama também a êle. Também a êle dou-lhe a vida; dou-lhe pais, irmão e amigos como a vós; deu-lhe também a êle a caça do nato e a luz do sol. E vós, filhos, quereis matar a quem ama o grande Espírito? Ou sinão, guaranis, (toma o crucifixo) eis aqui a imagem de um rei, dum grande tuxava, cravado com pregos sôbre dois lenhos atravessados; a êste grande tuxava eu adoro de joelhos, pois é o filho do grande Tupan, seu único filho, morrendo para salvar a mim e a vós, a brancos e vermelhos, a guaranis e carijós. E vós, generosos guerreiros, mataríeis um índio, pelo qual êle quis morrer? não, Carrencias; eis-me antes aqui a mim! Em meu peito enterrai as vossas lanças, pois si o filho único do grande Tupan quis morrer por êste carijó, nem eu, guaranis, me recuse a morrer por êle! (No decorrer da alocução foram-se abaixando as armas, uma por uma; os índios dão ares de apasiguados, com exceção de Potirava, Marangoa, os quais se empenham por impedir que também Nheçum se conova)

TILTANGO - Eu não quero matar o carijó. (joga fora o instrumento que trazia) Si o grande Tupan o ama, eu também o amo.

MUITOS - Eu também! Eu também!

Pe. ROQUE - Bravos, meus filhos! O grande Tupan vos abençoa!

UM INDIO - Viva o carijó, nesse irmão! Viva o filho do grande Tupan!

POTIRAVA E MARANGOÁ - (à parte) Morra o botocudo! Maldição! (instigam à raiva a Nheçum perplexo).

CARIJÓ - (sai do seu esconderijo, ajoelhando-se aos pés dos padres) Queridos pais brancos! eis a vossas pés carijó Bateclava. Êles podem mandar nôle assim como restos pálidos mandar em seu cão, Bateclava ser vosso escravo; e si êle um dia voltar para tabas de seus irmãos carijós, êle lhes contar da bondade dos pais brancos. E seus irmãos carijós bendizer o dia em que Bateclava foi cair vossas mãos e êles vai chamá-los e....

Pe. ROQUE - e tornar-se filhos do grande Tupan. Levanta-se, filho, e sauda os teus irmãos guaranis. (O carijó é festejado; durante a tumultuária saudação Potirava e Marangoa tomam do braço de Nheçum e despercobidos conduzem-no para fora, cerrando os punhos e dizendo| "Ai de vós, peles brancas.")





TILTANGO - Mas, Pe. Roque, agora tu nos vais dizer o que vem nesta caixa.  
Pe. ROQUE - Ah, a caixa ainda te pesa na cabeça... Vamos sabê-lo já: são presentes para Caaró. Arranjei-os para vós<sup>os</sup> amigos brancos em Assunção. Arrombai. (arrombam a caixa) Eis contas de vidro, espelhos, cuias, machados. Distribue-os, Tiltango. (Tiltango distribue os presentes; alegria e alvoroço infantil; admiram e experimentam)

Pe. RODRIGUES - (Levando o Pe. Roque a um canto, em frente) Mas, o Pe. Roque que é de Potirava e Marangoa? Já não os vejo... E Nheçum?

Pe. ROQUE - Ter-se-ão retirado para não misturar-se com o povo niúdo. Vi que Nheçum esteve conhecido; si não fôsse, teria persistido no seu intento sanguinário. Tiltango levará os três presentes mais escolhidos. Ouviste, Tiltango? ( Os índios agradecidos vem beijar a mão do padre)

TILTANGO - Agora amigos, cada qual com dez braços toca a trabalhar na igreja, aquilo agora há de avançar às maravilhas!

TODOS - À igreja! À igreja! (avançam com alegre vozear para o lado da igreja.)

Desce o pano.

## SEGUNDO CENARIO

Mato cerrado; vai anoitecendo.

### I Cena.

FERNÃO - (só; cauteloso) Já mais de 8 dias ando por aqui - e ainda não lucrei o que pretendia. Afinal está sendo a hora de fazer a colheita do meu trabalho. - Caranba, que custou pegar vivo aquêlê carijó! Si a ventura der resultado, executarei o meu plano: hei de agular Nheçum contra as Reduções; instigá-lo-ei a que expeça tropas para destruir tôdas as aldeias cristãs. Ofereço-me então para guiar uma dessas tropas, mesmo si fôr chefiada pelo próprio Nheçum. Direi que conheço um lugar em que estão escondidos todos os tesouros dos padres; isto é - conduzi-los-ei para perto da minha lancha, e lá com a ajuda dos tripulantes recolherei as rêdes. Ha... ha... Até presto com isso um serviço aos padres, pois aquela tropa já não fará das suas. Si, porém, ainda assim apanharem, lá se avengan. Aqui a freguesia é minha. E sempre haveremos de ver quem recolhe mais: ôles em sua igreja ou eu no porão da minha lancha. Mas já está ficando escuro; até parece iminente uma treva. Estou no lugar combinado para a entrevista secreta; no entanto não comparece nenhum dos conjurados. (Ouve-se o pio dum coruja) Justamente, é o sinal apressado. Respondez! (Imita o pio e põe-se a esperar)

### II Cena.

POTIRAVA - (entrando a rir) Ha, ha! Caiu na cova dos espíritos. Ha..Ha...

FERNÃO - Quem caiu na cova? Explica-te.

POTIRAVA - O veste-negra mais o morebixaba Nheçum. O carijó perseguido foi





esconder-se atrás do Pe. Roque - Nheçum exigiu a sua entrega: - e não obteve o carijó. Agora anda incomodado contra os rostos pálidos. (começa aos poucos a relampejar e trovejar).

FERNÃO - Muito bom! O primeiro passo está dado. Agora é atear fogo no coração de Nheçum e não deixar que ele se acalme.

POTIRAVA - Já porei ahas a valer neste fogo. Os raios e trovões que se multiplicam, me darão ótimo ensejo de meter-lhe nêdo. (outro pio de coruja) Há de ser ele. Retira-se por uns momentos, até que te chame para o lance último. Como pagó deve ocupar-me a sós com ele. (inicia o pio).

POTIRAVA - Agora é empregar tôdas as artes e embustes de que o potirava é capaz.

### Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

### III Cena.

( Raios trovões mais frequentes; quando Nheçum vem entrando, Potirava começa a fingir-se atemorizado pelos raios, fazendo gestos e sinais aos relâmpagos como para conjurá-los)

Kiboto-Kizama! Quem me ajuda a aplacar os elementos? Kiboto-Kizama!

NHEÇUM - (cheio de nêdo) Pagó, não me vôs? Socorro-me!

POTIRAVA - Ah, Nheçum, tu por aqui? Conjuró-te a que te escondas no canto mais retirado da floresta, si não queres provocar ainda mais a ira dos elementos. (não acaba de no mesmo tempo de fazer suas conjurações e feitiços).

NHEÇUM - Ah, entendo: estarão exasperados, porque o carijó escapou com vida.

POTIRAVA - e porque Nheçum não o imolou a eles. (trovão forte).

NHEÇUM - Ai, socorro! Para onde hei de fugir?

POTIRAVA - (no mesmo tempo) Kiboto-Kizama-Kizama! (como em visão)... vejo... um espírito... estender... sua mão... da floresta... (raio) Ouço... sua voz... (trovão)

NHEÇUM - Ai, poupai-me, poupai-me no nerobixaba!

POTIRAVA - ... vejo... seus olhos... chamejar... fogo... e seus braços... sarraivar... perdição... sôbre Caaró:

NHEÇUM - (recuando aterrado) Ai, valei-me!

POTIRAVA ... Vejo-a... alongar... sua mão... ingente... sôbre... esta floresta... Numa divinal, lembra-te de pupar a teu pagó - ... vejo-a... parrar... sôbre a cabeça... de Nheçum... agarrá-la.

NHEÇUM - (aniquilado, caindo sôbre os joelhos) Pagó, amigo dos espíritos, nil pérolas são tuas, si me arrancares à furia dos elementos.

POTIRAVA - Kiboto-Kizama-Kizama! - Espírito irado revela ao teu intérprete o que reclamas para seres aplacado. - Não ouves a sua resposta? " Nheçum há de reparar a salvação do carijó à fôrça de raios e trovões hei de aniquilar a Caaró, si os nous inimigos, os vestes-negras, não fôrem massacrados e si às minhas alturas não subirem em reparação ao fumo e as chamas de tôdas as Reduções encendidas" - Ouviste Nheçum?



NHEÇUM - Ouvi, ouvi, manda que acalme sua ira.

POTIRAVA - Não há de serenar antes que Nheçum jure a ruína das Reduções.

NHEÇUM - Ah, que oxigen de mim, pobre homem - destruir e matar...

POTIRAVA - Então queres que continue a trovada desfeita? (raio e trovão)  
Kiboto-Kizama!

NHEÇUM - (veemente) Não, nunca! não quero, não;

POTIRAVA - Ou queres que daqui para o futuro os carijós impunes se tornem tão numerosos e atrevidos como os morcegos que esvoaçam pelos ares?

NHEÇUM - (de si consigo) É mesmo, aquêla carijó pertencia a mim...

POTIRAVA - Ou queres que os espanhóis em chusma venham nas pegadas dos vestes-negras, explorem e pervertam o nosso povo, provocando ainda mais a ira dos elementos? Escolhe agora; tu és aqui o chefe morobixaba e ordenando tu a matança de um carijó, nenhum veste-negra tem que nisse meter o bedelho. Vamos, executa a vontade dos espíritos!

NHEÇUM - (erguendo-se altivo, começa a andar dum lado para outro, monologando) De fato, não estou me tornando um escravo feminil? Não me arrancaram êles das mãos o odiado carijó? Ah, e não me exigir que eu renegue à minha vida cômoda - como morobixaba leve-a morocidamente - que despache a minha côrte feminil, - que renuncie ao trato dos manelucos e às minhas expedições de rapina. Queren dos meus guerreiros guaranis fazer umas crianças moles, incapazes sequer de derramar os sangue dum carijó... De que me servem ôles? Os seus presentes também de Fernão os posso receber.

Chegou portanto o momento de erguer a fronte e o braço caído. Fui até aqui um vil covarde. Mas agora, por esta clava, pelos raios que se cruzam pelos ares - juro vingança formidável! Juro limpar as matas índias desta praga de vestes-negras! Juro destruir as Reduções cristãs, assim como se destrói um ninho de gavião! Potirava, que é dos meus conselheiros Marangoa, o Tiltango, como também o maneluco Fernão?

POTIRAVA - Sopra na corneta, que seu danora aparecerão. (Nheçum toca impetuosamente) Bravo, morobixaba, respire aliviado. Os espíritos estão aplaudidos: si bem que os raios e trovões continuam, já não são de meter medo, mas só aplaudem a tua decisão corajosa.

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

V Cena.

MARANGOA - (apressado) Não foi êsse o sinal do supremo morobixaba? Marangoa às ordens!

NHEÇUM - Periga a nossa raça! Urge deliberar! Todos presentes?... Não, falta ainda Tiltango.

POTIRAVA - Hm... Tiltango? Seria melhor deixá-lo lá prêso à batina dos rostos pálidos, onde a estas horas estará aprendendo os embustes da nova doutrina.

NHEÇUM - Pois então vamos sem êle... E agora sem rodeios: Eu, o supremo morobixaba de tôdas as selvas vizinhas, ofendido por uns estrangeiros arrogantes que me roubam autoridade e influênciã, resolvi interrogar-vos a vós





como representantes da nação guarani: Quereis tornar-vos escravos dos vestes-negras? renunciar obediência a Nheçum? acabar com tôdas as tradições dos nossos avós? despachar tôdas as comididades de filhotes livres da floresta, para em vez trabalhar no campo como bois no arado?

POTIRAVA - O pagé iluminado se recusa a tal!

MARINGOA - E Marangoa jurou consagrar sua existência ao extermínio dos perigosos estrangeiros.

NHEÇUM - Pois bem! Informo-vos que me resolvi à extinguir por completo esta peste. Quero que o meu povo guarani permaneça forte e robusto como os tigres e que a água mágica do batismo o não anoleça e enfraqueça como os miocos do mato. Desbatizarei todos os já batizados, raspando-lhas da fronte o vestígio da água feiticiera.

POTIRAVA E MARINGOA - Apoiado! Muito bem!

POTIRAVA - Os espíritos falam por tua boca!

NHEÇUM - E para que não haja para quem os torne a batizar, extirparei os restos pálidos e encinerearei a tôdas as Reduções. Estais prontos para apoiar-me na empresa?

TODOS - Estamos!

NHEÇUM - Ainda de manhã cêdo devemos angariar às ocultas alguns partidários, e com a destruição, havemos de romper cêdo com ela ou esperar até estarmos bem seguros do êxito? Que achas? amigo braco.

## VI Cena.

( Despercebido dos conjurados, entra rastejando Tiltango; encobre-se por detrás de um tronco a espreitar e escutar o três)

FERNÃO - Ouvi-me: eu conheço bem o caráter guarani; deveis romper de um golpe e não aos poucos: Si de repente como de relâmpago cairdes por cima das aldeias cristãs, todos no primeiro instante estarão estupefatos e fora de si. Desta disposição de terror o pagé facilmente tirará partido, trazendo-lhes à lembrança a ira dos elementos e o repentino castigo das Reduções. Com o levante de Caaró, porém, deveis esperar ainda dois dias, isto é, até estar decorrida a festa de depois de amanhã. Pois para êste dia estão vindo muitos cristãos de fora, que poderiam anternar-nos o caldo.

POTIRAVA - Melhor ainda, digo morobixaba. Depois da festa terás tanto mais gente a desbatizar. Ah, deca vingança!

NHEÇUM - Está portanto decidido: após a festa morte aos vestes-negras! fogo à igreja! morte e destruição a todas as Reduções do solo indígena.

TODOS - Morte! Morte!

MARINGOA - Viva a liberdade guarani! (saem por onde entraram, Fernão por último, pelo lado oposto).

FERNÃO - (saindo, à parte) Um passo ainda e terei um carregamento de escravos para as minhas raias em São Paulo!

TILTANGO - (saindo, após curta pausa, do esconderijo, voz baixa a princípio) É possível? Meus ouvidos não me enganaram?... Matar os queridos



pais brancos?... Destruir as reduções?... Não, não pode ser! Mas no entanto assim o ouviram os ouvidos subtis de Tiltango. E assim e diziam aquêles punhos cerrados e aquêles olhares furibundos. E o tal branco?... Não era ôle um nanoluco? - Nuvem tempestuosa está-se encastelando sôbre o céu das Reduções. Grande Tupan, que hei de fazer?... Vou correr aos pais brancos, correr para preveni-los. (saída falsa) Que ia eu fazendo? Levar-lhos a triste nova agora que estão tão jubilosos pela grande festa? E - feliz lembrança - amanhã virá Nienguirá, o general cristão: trazendo cá os pais brancos prometera voltar na véspera da inauguração. Oh, hei de revelar-lhe tudo, e juntos haveremos de salvar os Pais brancos e Reduções. (ajoelha) E tu, grande pai dos cristãos, - que te cime de s astros velas por teus filhos, dá-me fôrças para me salvar os teus mensageiros. Fizeste-me possuidor do mais melindroso segredo: Oh, agora dá fôrças ao abraço de Tiltango, e não permitas que teus filhos vermelhos sejam arrancados a teus braços paternais!

Desce o pano

FIM DO SEGUNDO ATO

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

## ESPERANÇAS ABATIDAS

Primeiro cenário: cabana do Pe. Roque - genuflexório, imagem da "conquistadora", mesa tosca, coberta de presentes.

### I Cena.

Pe. ROQUE - (só, dispendo em ordem e fila os presentes para a festa - vestidos, imagens, utensílios domésticos etc) Ainda uma noite e raiará o dia que paga ao missionário todos os trabalhos e fadigas. Aqui os presentes para os meus filhos vermelhos: vestidos brancos para as crianças, fatiotas para os meninos, imagens, têrcos, utensílios domésticos para os grandes. Terra bendita essa de Caaró: em 14 dias terminaram a igreja provi-sória, trabalhando dia e noite. E que zelo no corregedor Tiltango! Mandei chamá-lo para dar-lhe uma nova inesperada; por exceção também ôle será batizado amanhã. Como hão de brilhar suas feições. (trabalha) - Mas eu não sei que estranha, nunca sentida comoção essa minha de hoje! Jamais me senti tão feliz nesta farda da Companhia de Jesus, no meio das tas brenhas à procura dos índios errantes. E das dezenas de aldeias dêsses indígenas a quem até na Europa negavam a alma humana e imortal, hoje delas se eleva ao trono de Deus odor de piedade e virtude mais puro que das grandes cidades européias. Graças, Deus meu, que para cá me chamaste! Só uma coisa te peço; dá-me ainda mais almas, mais trabalhos e fadigas!

### II Cena.

TILTANGO - (depois de bater e entrar) Salve, Pai branco! Mandaste chamar Tiltango: ôle aqui está!

Pe. ROQUE - Vê, faltam só poucas horas para a grande festa; ainda temos que arranjar muitas coisas. Em primeiro lugar lembro-te que amanhã terás que levar à igreja êstes presentes. Vêê este vestido branco aí? Será do teu filhinho! Tão branca e pura será amanhã sua alma.

TILTANGO - (alegre e infantil) Olerô! lindo ficará o Tucano nesta tanga, mais lindo que a garça branca, espelhando-se nas águas.

Pe. ROQUE - (sondando) E Tiltango também gostaria de tornar-se filho de Tupan no batismo, assim como Tucano?

TILTANGO - Até a outra lua cheia não poderei sê-lo, pai branco?

Pe. ROQUE - Ouve, Tiltango. tu, o corregedor de Caaró, serás batizado já amanhã!

TILTANGO - (estupefato, depois de alegre) Tupan não turvou tua cabeça para-falares assim? - Eu, Tiltango, amanhã batizado? eu já amanhã filho de Tupan? Ó meu pai branco, tu és bom! (ajoelhado beija a mão do padre) Tiltango será teu escravo e o de Tupan tôda a sua vida.





Pe. Roque - Basta, filho. E o sino da igreja já chegou?

TILTANGO - Mandei dois índios a buscá-lo num carro em S. Nicolau. Daí a nada estarão chegando.

Pe. ROQUE - E não te esqueças de encarregar bom número de índias que preparem amanhã o jantar público para toda a aldeia. Também mandei aviso aos músicos de S. Nicolau, que venham amanhã soprar diante de vós nas suas buzinas e trombetas enroscadas e bater os pratos de metal.

TILTANGO - (imitando os músicos) Sai festa mesmo! Bendito o dia em que Tupã nos trouxe os vestes-negras!

(de fora batem nas mãos; Pe. Roque olha pela janela)

Pe. ROQUE - Chegou gente estranha. Volto já. Tu entretanto porás em ordem estas ferrementas. (sai)

### III Cena

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TILTANGO - (só, fala ordenado) A cada passo estive para revelar-lhe tudo. Quando o vi tão bom, pensava dever contar-lhe que gente malvada o quer matar. Mas graças, - a tempo suprimi minhas palavras, pois contar-lhe aquilo hoje, seria um crime. (pausa) Logo voltará o Pe. Roque: mas é singular sempre denovo sobe o segredo à minha língua e quer à força abrir-se ao Pe. Roque. Cala-te bôca! Nianguirú não pode tardar. Conforme ao sair combinou comigo, expuz na colina o pano vermelho para sôbre-aviso de perigo.

### IV Cena

( De repente salta pela janela o pequeno Tucano, exclamando:)

TUCANO - Upai!

TILTANGO - Ó Tucano gaiato, assim tu entra aqui?

TUCANO - Papai, não te zangues com Tucano. Ele tem uma coisa a dizer-te:

TILTANGO - E não zangar-me, quando assim abusas do Pe. Roque! Vamos lá, quem é que o chamou para fora?

TUCANO - Ah, foi que aí veio... (interrompe, avançando num espelho) Txi, que coisa bonital (escapa por detrás da mesa, perseguido por Tiltango)

TILTANGO - Larga isso, gaiato e fala.

TUCANO - (olhando no espelho) Mas dize, papai, então tu tens dois Tucanos? Aqui dentro está mais um.

TILTANGO - (consegue alcançá-lo na distração e tira-lhe o espelho; sacudindo-o) Agora responde-me já e já! Quem é que chegou?

TUCANO - Foi uma gente selvagem que veio do mato. Mas são uns selvagens engraçados: - nunca vi gente tão esquisita. Que gozo, si êles ficarem morando em Caaró.

TILTANGO - Mas malandro, ainda nem disseste a coisa que vinhas a contar.

TUCANO - Ah, sim! mas não te zangues papai. Eu estive no mato. Mas tu não me viste. Eu, porém, vi-te a ti botar um pano vermelho bem alto. Para que é aquilo, papai?





TILTANGO - (à parte) Pergunta cruel! (alto) Tucano, amanhã tu vais ser filho do grande Tupan; isso é uma festa muito grande. Aí pus na colina em sinal de alegria aquela bandeirinha.

TUCANO - Mas, papai, porque é que tu estás desde ontem tão triste? E foi depois de voltares do mato: e olha que eu vi! Primeiro foi o Pagé, depois foram Nheçum e Marangoa, e por fim tu também foste. E voltaste tão tarde, triste, muito triste. (chegando-se perto) Papaizinho, vai ter com o Pe. Roque, conta-lhe porque estás tão triste - êle te faz rir denovo e arranja tudo.

TILTANGO - Mas agora, Tucano, basta de bobagens! Então não vês que é porque estou com muito trabalho? Olha, não quero que fales isto com ninguém. Amanhã serás filho do grande Tupan.: tens que ser bonzinho e obediente, e fazer tudo o que papai manda. Ouviste, Tucano?

TUCANO - Filho do grande Tupan! Quando eu me tornei teu filho, recebi o nome de Tuca no. E agora, virando filho do grande Tupan, eu não vou mudar de nome, não mudo?

TILTANGO - Que nome queres?

TUCANO - Eu? (pensa)... eu...quero chamar-me... é - Roque-mirim.

TILTANGO - Muito bem. Vês aí, Roque-mirim teu novo vestido?

TUCANO - Como? Meu êste? (dá um pulo na cadeira e antes que Tiltando consiga impedi-lo, enfia o vestido.)

TILTANGO - Gaiato, gaiato, larga isso. (persegue-o em volta da mesa, alcançado-o depressa, porque a cabeça do pequeno não passara vestido afora) Daqui a pouco volta o Pe.Roque e tu sujar tudo... Vai já para casa,

TUCANO - Já vou papai. (saída falsa) Olha, papai, não esqueças de falar-lhe naquilo!

TILTANGO - Vai-te! Não me esquecerei. (Tucano sai) Será que foi um anjo do Tupan quem me deu o recado? Mas não, foi Tucano, o gaiato. Não crei nada ao Pe.Roque.

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

V cona

Pe. RoQUE - (voltando) Quanta faina no dia de hoje! Imagina, mandam chamar-me para uma tribu lá pelas bandas, onde nasce o sol; bem; é a última tentativa para reunir maior número de ovelhas. Será noite, quando eu voltar, tu entretanto dirigirás as obras do enfeite da praça. (toma o chapéu e bengala)

TILTANGO - (chegado perto do padre) Ouve-me Pe. Roque... (à parte) cala-te bôca, -(corrigindo) si o Pe. Roque trabalhar tanto por nós, também nós queremos dar alegria a êle. Voltando, encontrarás a praça em gala festiva como mato em flor. (saindo os dois, à parte) Não devem, mil vêzes não devem ser mortos.

Desce o pano





## SEGUNDO CENÁRIO

Colina fronteira a Caacó, como I,2; está exposto sôbre uma vara um pano vermelho).

### I Cena.

TILTANGO - (só, olhando ao longe) Mas demora! Milhares de vêzes estendi a vista daqui da colina, a ver si Nienguirú não vinha chegando. Oh que venha já! Não me tranquilizo, até que êle saiba do perigo. Já de manhã cêdo expús o pano vermelho para aviso. (escutando atento) Ugi Não ouço passos? (encosta ouvidos à terra) Perfeitamente, Tiltango percebe passos de caminhantes. A vista ainda os não pode alcançar... Ou? Lá entre aquêles arbustos não vejo gente a mover-se? Graças a Tupan, há de ser êle. (alvoroçado) Agitemos o sinal do alarme! (sacode o pano) Êles meneiam com o chapéu, já me descobriram... Mas tão pouca gente... ham.... temo que com tão pequeno número... mas basta que venha êle. Não andarâ ninguém por aqui perto? (olha em redor) Pois a nossa entrevista deve ser a sós, - dela depende a salvação de tôdas as Reduções. Vou correr ao seu encôntro. (sai)

### II Cena

( Entra esguio e cauteloso pagé)

POTIRAVA - (examinando o pano) Que pano vermelho êste? Porque Tiltango o andava vigiando todo dia? E quem é aquêle a quem acabam de fazerem sinais? Aqui andâ dente de coelho! Estou para apostar que a nossa conjuração está sendo farejada pelo santarrão de Tiltango... Ah, lembro-me... Nienguirú... Há 15 dias encarregou a Tiltango de nos vigiar... Sim, senhores... esta está ficando boa! (encabulado) Aquêle Nienguirú... Que farei? Escutá-los? campo todo aberto... Chamar Nheçum e Marangoa? estão longe... Em todo caso vou amoitar-me e espreitar ao nenos de longe o resultado desta tramóia. (sai de clava na mão)

### III Cena

(Entram Tiltango e Nienguirú, cansado)

NIENGUIRÚ - (aos seus que ficam de fora) Guaranis, paraí aí. Levo falar a sós com o corregedor. ( a Tiltango) Como ia dizendo, vi o pano tremular na colina; aí corri com minha gente sem descançar. Dize ligeiro - os pais brancos estão em perigo?

TILTANGO - General Nienguirú, espiei o conselho em que Nheçum, Potirava e Marangoa, mais um mameluco juraram com satânico furor matar os nossos pais e varrer do solo indígena tôdas...

NIENGUIRÚ - Cala-te! Estás delirando? (leva mão à espada)

TILTANGO - Não há palavras que perder. Urge é agir. Já hoje de manhã par-





tiram emissários para angariar sequeiros em tôdas as aldeias.

NIENGUIRÚ - Céus! Que aconteceu? e isso agora que trouxe tão pouca gente. Quando, quando é que querem romper?

TILTANGO - Logo depois da festa e a um e mesmo tempo em tôdas as Reduções.

NIENGUIRÚ - Corramos ao Pe. Roque, corramos. Já o preveniste?

TILTANGO - Esperei primeiro pela tua vinda.

NIENGUIRÚ - Pois então vamos sem demora preveni-lo, que eu deverei voltar imediatamente à minha Redução para alarmá-la e reunir um exército.

TILTANGO - Mas os pais a ôste tempo andam longe daqui; só noite cerrada é que voltarão.

NIENGUIRÚ - É impossível esperar-lhes a volta. Eles ótimo tino para acalmar os ânimos mais irritados. Como, porém, se há de apagar um incêndio, não sabendo que uma casa está em chamas? Para prevenir ao Pe. Roque também da minha parte, às pressas duas linhas num bilhete. (arranca ura fôlha de sua caderneta e escreve falando " Pe. Roque! Não posso esperar a tua volta Tiltango te informará do que aconteceu. Cerro de volta à minha Redução . Amanhã de noite estarei de volta com um exército. Acautela-te por amor a teus filhos vermelhos. Saudades - Nienguirú." Toma Tiltango, e entrega ao Pe. Roque. Vou prevenir S. Nicolau e, correndo tôda noite, espero estar de volta umas quantas horas antes do desenlace planejado. Oculta aos conjurados a minha estadia aqui. Vou-me, - deixo entregues a ti os queridos pais brancos. Adeus, amigo.

TILTANGO - Comre, amigo, voa. Tupan esteja contigo.

NIENGUIRÚ - (saudando Caaró) Até amanhã Caaró! Até amanhã, bela igrejinha Haveis de tremer, diabólicos conjurados. (na saída, aos seus de fora) Guerreiros, meia volta, - rechassar infames traidores que nos atacam.

VOZES - Contigo até à morte! (passos apressados, afastando-se)

#### IV Cena

TILTANGO - (só) Sim, hão de tremer ante o mais temido general da nação guarani, o heróico Nienguirú. De que pêso enorme me sinto aliviado! Lá vai êle correndo, - já está a grande distância. (ajoelha) Tu, grande pai dos cristãos, dá a Nienguirú os passos da veloz ema, para que a tempo alarme as Reduções e volte ainda antes da desgraça. (levantando-se) Mas agora depressa ao ornamento da praça. (saída falsa, porque topa com Potirava; à vista dêle estremece, recua) Ai, o pagéi (recuperando a calma) Calma!

#### V Cena

POTIRAVA - (fingido) Ue, o corregedor por estas bandas?

TILTANGO - Hoje ando em roda viva por causa dos preparativos da festa.

POTIRAVA - Hm... já veremos. - Dize lá, que vem a ser êsse pano vermelho?

TILTANGO - Bandeira para a festa... Voltemos à aldeia, que noite vem caindo.



POTIRAVA - Porque tanta pressa assim? Aqui tu ficarás por uns momentos - (à parte) sinão para sempre!

TILTANGO - Mas - Por Tupan! que queres tu comigo?

POTIRAVA - Devagar... Dize mais: que é êsse índio, com o qual conferencias-te tão agitado? Não era Noinguirú? - Porque volta êle a tôda a brida?

TILTANGO - Mas acaba de vez! Acaso o corregedor da aldeia deve a ti conta do seu serviço?

POTIRAVA - Calma por um momento ainda! - dize enfim, que paninho ou fôlha branca aquela que com tanto cuidado...

TILTANGO - Mas agora bastou! Termina já êste insolente interrogatório!

POTIRAVA - (tomando da clava) Ou responde ou morres! Ao Pe. Roque é que não hás de voltar!

TILTANGO - Ah, abjetos conjurados! Tupan já levantou o braço para o justo castigo.

POTIRAVA - Deixa-te de bravatas e entrega o bilhete da fala muda!

TILTANGO - Nunca jamais! Antes sangue e vida! Grande Tupan, agora combato por ti, Amparado meu braço. (combatem com a clava; Potirava que não se pode medir com Tiltango, apanhando um golpe mal certo, cai por terra)

Graças, Tupan! Mas tomara que esteja só desacordado! Vejamos... (abaixando-se, Potirava que só se fingia, com um movimento rápido e apunhala)

POTIRAVA - Valeu-me o fingimento!

TILTANGO - (caindo) Ai, os pais brancos!

POTIRAVA - (retirando o punhal) Ótimo artigo de São Paulo! Para cá o bilhete! (arranca o bilhete) Fugamos depressa! Kiboto-Kizama! (sai)

#### VI Cena

TILTANGO - (moribundo) Ai - eu morro! (tenta erguer-se) Pe. Roque - foge - foge! Mas êle não me ouviu! Oh vem batizar-me! O dia - de manhã... Tucano com a veste branca... É por ti - pai do céu... Dá asas - a Niengurú, asasi!

#### VII Cena

TUCANO - (de fora) Papai, papai (entra procurando) Onde está Papai? Ali o pano vermelho... não ouço um genido?... (vê o corpo no chão) Tupan! - será? (reconhece) Papai - é êle! Levanta-te, papai, vamos embora, que está ficando escuro. Vamos acabar de enfeitar a praça. (sacode-o) Ai, sangue... saindo do peito.. Quem fêz isso? (Tiltango passa vagaroso a mão pela testa) Mão pela testa... que será que êle quer?... Ah, entendo! Papai vai morrer... como o flamingo ferido da flecha envenenada já não voa e tem que morrer. E o Pe, Roque disse que quem morre, precisa ter água na cabeça, aliás não iria à casa do grande Tupan. Mas como se faz isso? Ah sim, ontem eu o vi. Agua, depressa! (procurar e acha a inflorescência de uma bromeliácea, contendo água; derrama-a na cabeça do moribundo) Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

TILTANGO - (com um esforço supremo) Vai - Pe. Roque - dize - (morre)

TUCANO - Dizze - que vou dizer papai? - ( FIM DO TERCEIRO ATO)





QUARTO TO  
A MALDADE TRIUNFA?

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90010-015

### PRIMEIRO CENARIO

Noite de 14|15 de novembro de 1628; cabana de Nheçum, com lareira, rêde de dormir, peles, arcos, flechas, aljavas e porongos pendurados na parede.

#### I Cena

Nheçum, Marangoa e Fernão sentados sôbre tocos à roda da lareira.

NHEÇUM - Pois então ficamos nisso; amanhã durante a festa vamos todos fingir-nos de piedos amigos dos vestes-negras. O luar favorecerá nossos preparativos na noite de amanhã. Na madrugada Marangoa e Potirava romperão aqui. matança dos vestes-negras e incôndio da igreja. A mim Fernão me levará com um trôço de gente à Redução de São Nicolau, passando pelo lugar em que estão escondidos as riquezas dos restos pálidos.

FERNÃO - (à parte) Isto é - ao porão de minha lancha.

NHEÇUM - Tudo deve ir com repentina rapidez. A doutrina nova ainda não lançou raízes fundas; fácilmente ganharemos a todos os guaranis, também não-cristãos. E sinão matá-los-amos a ferro e fogo!

MARANGOA - Esplêndido! Marangoa como guarani respeitador de seus avós reclama a honra de primeiro golpe nos estrangeiros intrusos.

#### II Cena

POTIRAVA - (de fora) Abram, abram ao Pagé! Kiboto-Kizama!

NHEÇUM - É Potirava. Por onde vagabundeou êle a tais desheras?

FERNÃO - conjurações e feitiços por certo... (Marangoa abre)

POTIRAVA - (entrando a vibrar no ar o punhal ensanguentado) Kiboto-Kizama! Saúde, irmãos! (todos recuam)

NHEÇUM - Como? deitaste a perder tudo, matando já os vestes-negras?

POTIRAVA - Os espíritos não encheram de palha a cabeça de seu pagé... Em bem outro peito enterraram êles êsse punhal. Vareu o coração de Tiltango traidori!

TODOS - (espantados) Tiltango?

POTIRAVA - Aqui uma fôlha de fala muda: o pagé a não entende, porque não é dos espíritos..

NHEÇUM - e MARANGOA - Nem eu.

FERNÃO - Dôm-me cá! (lê) " Pe. Roque! Não posso esperar a tua volta. Tiltango te informará do que aconteceu. Corro de volta à minha Redução e amanhã à noite estarei de volta com o exército. Acautela-te por amor a teus filhos vermelhos. Saudades - Nienguirú."

(ao ouvirem êste nome Nheçum e Marangoa se sobressaltam)

NHEÇUM e MARANGOA - Maui Maui!





POTIRAVA - O dente do coelho.

NHEÇUM - Mas Tiltango... o danado espião e traidor - não informou antes os vestes-negras?

POTIRAVA - Ora aí diz a fôlha muda: Tiltango te informará do que aconteceu...

FERNÃO - (enérgico) Por um triz tudo se foi águas abaixo - e ainda pode ir-se. Não ná bastante do que perder. Não depois de amanhã, mas ainda a esta hora da noite é preciso reunir um trôço de gente e atacar a Redução do Pe. Castilho, antes que Nienguirú alarme. Destruída esta, é forçoso cortar a volta de Nienguirú. Para apressar a marcha noturna, ofereço minha lancha no Rio Ijuí.

NHEÇUM - Decidido! Eu te acompanho. A vós, Potirava e Marangoa, confio a destruição da igreja e o dois vestes-negras daqui de Caaró: mas já amanhã antes que Nienguirú possa voltar, caso o não colhêssemos no caminho. Eu voarei de aldeia, e ao voltar com os despojos de tôdas as Reduções, espero encontrar aqui os cristãos prontos a serem desbatizados.

MARANGOA - Morobixaba, teu Marangoa conhece o seu dever.

POTIRAVA - Mas o maldito cadáver de Tiltango... Sem dúvida já o descobriram..

NHEÇUM - Ora, disse lá... que um carijó o apunhalou.

POTIRAVA - Excelente! quiçá aquêlê mesmo carijó Bateclava...

NHEÇUM - (levantando-se) Si amanhã perguntarem por mim, disse que ando perseguindo uma tropa de carijós que tiveram o desaforeamento de assassinar o corregedor Tiltango. (toma arco e flechas) Irmãos guaranis, vamos à grande obra do combate pela liberdade indígena. Até a volta triunfante! (sai com Fernão)

### III Cena

POTIRAVA - A nossa vez chega amanhã. Partidários já temos um porção dêles. A matança deverá fazer-se em plena praça para embasbacar todo o povo. Eu logo cuidarei de enfeitá-los a todos e ganhá-los parqñós.

MARANGOA - Lance arrojado pro certo. Mas peito de guarani não teme arrojos.

### IV Cena

Pe. Roque - (de fora batendo nas mãos) Nheçum, nheçum onde estás?

POTIRAVA - (sobressaltado) Não é a voz do Pe. Roque? - Vamos matá-lo já!

MARANGOA - Não somos mulheres covardes: tem que ser, é na praça e à luz do dia. Além disso acabaríamos só com êle, mas não com a Redução.

POTIRAVA - Os espíritos te iluminaram, - será amanhã. (alto) Quem lá fora?

Pe. ROQUE - Sou o Pe. Roque. Abre-me, preciso falar com Nheçum.

POTIRAVA - (esconde o punhal e destrói os vestígios de sangue; abrindo a porta.) Entra para junto de nós, que a noite é escura. (entra o Pe. Roque conduzindo pela mão a Tucano) Boa noite, Pai branco! - Ouve, Nheçum saiu ao mato, pensando ter ouvidos vozes de carijós.





Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 836  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Pe. ROQUE - Triste é a nova que vim dar-lhes: vêdes o pequeno Tucano? Ficou órfão. Seu pai Tiltango jaz lá fora na colina, traspassado por um punhal.

M.R. NGOA - Que dizes? Tiltango morto?

POTIR.VA - Que crime! Ah, Nheçum não se enganou, - são carijós mesmo! Mas não posso crê-lo: está realmente morto?

Pe. ROQUE - Sim, destitose d'êle, - amanhã ia ser batizado!

TUCANO - A alma de Papai não é preta como a do Jagé e a d'êste aqui. Tucano o batizou, como Pai branco sempre o fâz, - com água e palavras santas. Papai ainda murmurou: "Vai - Pe. Roque - dize -", e então o sol de sua vida desceu no país do grande Tupani!

Pe. ROQUE - Graças, Meu Deus, pelo primeiro santo da nova Redução! E vós, meus filhos, não ireis ocupar o lugar de Tiltango na igreja?

M.R. NGOA - Oh quanto suspiramos ver o faustoso dia de amanhã!

TUCANO - Vamos sair daqui, para junto de papai.

Pe. ROQUE - Pobre órfão! Devo ir a preparar o corpo para o entêrro. Então filhos, até amanhã! (sai com Tucano)

#### V Cena

POTIR.VA - (depois de fechar a porta e fazer sinais de escárnio) Excelente! nenhuma suspeita, - tudo às mil maravilhas!

M.R. NGOA - Deliberemos agora como realizar o nosso trabalho de amanhã.  
(enquanto se assentam desce o pano)

#### SEGUNDO CENARIO

Praça de Caeró; a igreja à direita, de fora; arco de triunfo marca à entrada; um sino à pouca altura do chão, ornado com flôres; praça engalanada, festões, gaiolas com pássaros, etc; no fundo, ao levantar do pano, alguns índios agilmente ocupados em espalhar flôres e enfeitar.

#### I Cena

Pe. ROQUE - (na frente, separado dos índios a enfeitar, fechando o breviário) Afina raiou o dia 15 de novembro. Que sentimentos de júbilo me animam como si estivesse em vésperas de partir-me para o céu! Mas ainda precisam de mim as centenas de índios que aqui vem saindo das matas para assentar moradia em tôrno da nova igreja. Acabo de escrever ao Pe. Provincial em Buenos Aires as esperançosas notícias daqui: pois em tal dia sinto-me mais que nunca filho da companhia; e meus irmãos de ordem devem tomar parte em minha alegria. Mas agora à igreja! (saída falsa)

#### II Cena

Pe. RODRIGUES - (entra do lado oposto à igreja, fazendo voltar ao Pe. Roque



que já ia saindo) Pe. Superior uma palavra. Acho que devo precavê-lo contra certos indivíduos que tôda amanhã o cercam com atenções suspeitas.

Pe. ROQUE - Com que então nem sequer hoje alegre e consolado?

Pe. RODRIGUES - Por certo que me alegro. Mas também na alegria é permitida a cautela. Tiltango assassinado - Nheçum ausente - Nienguirú contra a sua promessa ainda não chegado.

Pe. ROQUE - Ora, não poderá Nienguirú achar-se entre os quais aí vem descendo a colina? O assassinio de Tiltango, si bem que é lamentável, não nos dará lugar para receios infundados. Carijés ora perseguidos por Nheçum, abriram-se as portas do céu e doaram à nova Redução um santo protetor. Fora com cuidados sinistros nesta data memorável!

Pe. RODRIGUES - Pois à palavra do meu superior quero também eu só alegrar-me no Senhor.

Pe. ROQUE - Agora V. Rev. acomodará os hóspedes - enquanto eu vou paramentar-me para a bênção do sino. (ambos saem, Pe. Roque à igreja, Pe. Rodrigues por onde entrara.)

### III Cena

(Vem entrando em grupos o povo, caminho à igreja, olhando admirados, falando entre si)

POVO - 1. Ugi que beleza!

2. Adeus, mate velho!

3. Olha a casa do grande Tupani

4. Venha, vamos entrar. etc...

(entram; outros seguem de espaço a espaço, também durante a conferência dos conjurados a seguir)

### Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

### IV Cena

(entram desconfiados Potirava, Marangoa e três conjurados)

POTIRAVA - (na roda dos seus, a um canto em frente, voz baixa) Camaradas, está chegando o momento. Logo mais sai o Roque a benzer êste sino. Atenção! no instante em que o veste-negra se inclinar para pôr-lhe a língua, à maneira de curiosos fechais um círculo em volta dêle. Então, Marangoa vibrará o golpe que restitue a liberdade às florestas guaranis. - Todos armados? (as escondidas mostram as armas) Agora a postesi! Tu, Marangoa, para cá (mais perto do sino) Pé ligeiro (indica o lugar) Tigre, (idem) Psiu! êle vem aí.

### V Cena

(sai o povo da igreja para a bênção do sino; Pe. Roque por último, Tucano de acólite com agua benta e bedalo; disposição)

Pe. ROQUE - Queridos filhos! em multidão saístes hoje das florestas e levantastes vossas tendas na Redução, no radil do Divino pastor. Desde





tempos inenarráveis andastes errantes pelos bosques guaranis e tapes até ao raiar do dia de hoje em que também até vós pentrou o chamado do grande Tupan. Após infindos invernos de trevas despontará em vossas almas uma luz brilhante, a luz da fé do filho no Grande Tupan, que há 1600 invernos baixou do céu para nos trazer a vida eterna perdida. Filhos guaranis; matas cerradas, pantanais extensos, ínvios sertões e rios impetuosos entremeavam entre mim e vós. Quando, porém, ouvi que o filho do grande Tupan também a vós vos amava, não me contive em casa de meus pais; tive que embrenhar-me até junto à vós. Finalmente hoje posso transmiti-lo aos vossos ouvidos: Jesus vos amava e vos quer levar até o céu. E para que pudésseis levar uma vida feliz sob a sua santa lei, reuni-vos nesta Redução; e esta casa que vós construistes, é a sua casa, em que êle quer morar e ser adorado no meio de vós. Esta casa receberá agora um sino que canta, um sino cuja voz metálica doravante, ecoará por vossas selvas qual a voz do grande Tupan.

(alegria no povo; a um sinal do Pe. Roque, Tucano entrega-lhe o badalo; Potirava acena aos seus) Eis o badalo, a língua de ferro que logo fará cantar para a alegria vossa um sino ainda mudo.

(inclina-se para prender o badalo ao sino; a um sinal de Potirava os conjurados, como para ver mais perto, se acercam do sino, assim que o Pe. Roque fica encoberto; fechado o círculo, Marangoa vibra o tacape) M.R. LANGOA - Morre, inimigo dos guaranis! (imediatamente os cúmplices, como horrorizados recuam, abrindo novemate a vista do padre)

Pe. ROQUE - (vacilando para trás e caindo na entrada da igreja) Ai... Jesus... Filhos... (morre)

(espanto e terror em todos, também nos mesmos cúmplices ante a própria ação; o Pagé em seu ornato fantástico que dantes em parte encobriria, em parte põe agora, avança no meio da cena, com tregeitos e fêitiços - alguns fogem)

POTIRAVA - (voz terrível) Kiboto-Kizama-Kizú - Vêde aí - os espíritos irados - prostratam ao veste-negra. (recuando) Kizama-Kizú! Vêde lá - raios - trovões - tempestade - terrenotos - ei-los - nas mãos dos espíritos! Todos morreremos - sinão apagarmos todo o vestígio dos vestes-negras. Koboto-Kizama-Kizú! os espíritos pedem uma tição. (sai apressado)

#### V cena

(todo o seguinte deve correr muito rápido; desconcerto geral)

M.R. LANGOA - (tentando restabelecer a ordem) Vêde o Pagé iluminado! Tornai a escutar as suas ordens. Aplaquemos os espíritos! Para cá, rapazes!

(começam a destruir e arrancar tudo; Tucano, porém, pouco antes conseguiu salvar da igreja os santos óleos e a imagem da conquistadora, fugindo com êsses objetos pela cena; durante a rápida destruição: Vivam os espíritos! Abaixo com isso! etc...)

POTIRAVA - (voltando com uma tição que joga dentro da igreja) Fumo reparador para os espíritos!





MARANGOÁ - Ah, fogo, ao fogo, com o feitiço branco! (rapidamente tudo para dentro do fogo, cuja clarão ilumina o bando)

#### VI Cena

Pe. RODRIGUES - (entra apressado, passa foite por entre os conjurados, colocando-se do lado direito e voltando-se aí para o bando) Filhos, que estais fazendo?

POTIRAVA - Eis outro! Os elementos o tocaram para cá, para dentro de nossas armas. Abaixo com êle! (estão para acometê-lo, mas um como poder estranho os detém)

Pe. RODRIGUES - Quereis matar-me também a mim? Mas não morrerei: hei de voar para junto do meu Deus e do vosso Pe. Roque, à pátria celeste. Aqui na soleira da igreja em chamas - (com as armas empurram-no para dentro da igreja).

POTIRAVA - Deixou de viver!

MARANGOÁ - (arrastando outros consigo, salta em redor do pagé) Livres, livres

POTIRAVA - Novamente filhos livres das selvas!

#### VII Cena

UM ANCIÃO - (apeiado em bastão, entrando e colocando-se como o Pe. Rodrigues voz forte; como último lampejo de fôrça antiga e duma vida prestes a extinguir-se) Caarenses, ainda seis homens, ou vos tornastes como as feras do mato? Aos enviados do grande Tupan devíeis mais do que aos próprios pais.

Pois êstes vos deram foi uma vida de animais selvagens. Mas os pais brancos vieram trazer-nos uma vida de homens nobres, filhos de Tupan. Miseráveis!

POTIRAVA - Que está a murmurar êste velho bugio? Ainda que é o sogro do tuxava Guarobai, à morte com êle!

ANCIÃO - (morrendo como o Pe. Rodrigues) Jesus! Maria!

#### VIII Cena

MARANGOÁ - Singular... Escutai o veste-negra ainda parece gener... e estava tão morto! (vão para perto dos bastidores e olham)

VOZ MIL.GROSA DO Pe.ROQUE - (luz encarnada) Filhos, ternamente vos tinha amado, em paga de minha afeição me destes morte cruel. Mas só ao meu corpo pois minha alma goza das alegrias celestiais. Vós, porém, aí, que filhos meus vingarão o parricídio e o desacato à imagem da Mãe de Tupan! ( todos como petrificados)

POTIRAVA - Como? Ainda fala o embusteiro? lábios rasgados... rosto fendido.. Si foi teu coração que falou, já o farei calar. (atira com flecha) Encarvou-se no coração!

#### IX Cena

MENSAGEIRO - (entrando precipitado, cabeça ligada com pano ensanguentado,





cansado e a gemer) Caarenses!

POTIRAVA - Que foi, homem?

MARANGO - Não saíste tu ontem com Nheçum? Onde está êle?

MENSAGEIRO - Aquêlê não volta tão côdo... Já vos conto. O mameluco Fernão nos queria transpor à outra margem do Ijuí. De caninho à sua lancha demos uma chegadinha ao Pe. Castilho; - igreja e aldeia em cinzas... Fernão, como rapôsa que se impacienta perto da presa, instava à partida. Aí Nheçum arrastou consigo ao Pe. Castilho para no caminho ter mais tempo de judiá-lo até a morte. Mas amargo o castigo... Na vizinhança do Rio, Fernão dá um assovio estritente: e qual bando de jaguares saltam das capoeiras uns quantos mamelucos. Um -dois - três - tôda a nossa gente amarrada e jogada ao porão da lancha. Só eu é que resto, para vos trazer as despedidas de Nheçum, outrora nosso supremo morobixaba, agora besta de carga, partindo rumo a São Paulo. (consternação geral; cerrar de punhos, "Traição! negro traído!")

MARANGO - Potirava, não sei como me sinto.. êsse negócio todo parece que se está vingando...

POTIRAVA - Ao contrário, é ó que os espíritos querem ver tremular na cabeça de Marangoa as plumas do supremo morobixaba. Fora com cuidados! Agora é fruir a vitória! A cozinha dos vestes-negras, minha gente; aos banquetes e danças para festejar a vitória e afogar a lembrança da traição dum mameluco!

TODOS - Cozinha! Banquete! Dansa! (ao longe toque de clarim, rufar de tambores, detonações de armas, avizinhandando-se; Pânico geral)

POTIRAVA e OUTROS - Que é isso? Um exército? Nheçum que volta? Não pode ser, está preso.

UM INDIO - (entrando sobressaltado) Um exército na colina! Já vem descendo!

OUTRO INDIO - (idem) Inimigo à vista! às Armas! às armas!

POTIRAVA - Kiboto-Kizama! Com mil raios! Nienguirú! Nienguirú!

MARANGO - Ó cabeça de vento! Nheçum não lhe podia cortar a volta. Vendamos caro nossas vidas! (todos pegam em armas e saem com vozeria ao encôntro dos assaltantes; fora breve combate; os Caarenses voltam fugindo pela cena: Fugamos! Fugamos! Marangoa, por último, despedindo ainda uma seta. à Esquerda: "Vitória! Tupan! Santa Maria!

#### X Cena

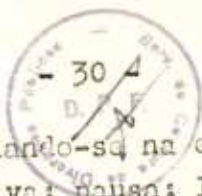
NIENGUIRÚ - (de espada em punho, ofegante, em perse guição dos fugitivos, à frente dos seus que se colocarão em fila, de perfil, à esquerda sem olhar para quem fala) Onde estão os pais brancos? Onde está Tiltango? Onde a igreja?

TUCANO - (Entrando rápido, ainda vestido de acólito, com os s. óleos e a imagem da "conquistadora") Grande tuxava... (aponta as ruínas)

NIENGUIRÚ - Céus! Tupan! Cheguei tarde, tarde! (curva-se sobre o joelho

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025





diante das ruínas, apoiando-se na espada e escondendo a face com a mão livre da mesma forma a comitiva; pausa; levantando-se de ímpeto) Mas não! Não é verdade! é mentira, é tudo mentira! Onde está o querido Pe. Roque? o bom Pe. Rodrigues? não é verdade que eles já não vivem! ( a Tucano) Menino de Caaró, não sejas mau - dize com sinceridade: onde estão os pais brancos? TUCANO - Senhor tuxava, papai partiu a casa do grande Tupan, porque seu pequeno Tucano Roque -Mirim o batizou. E os pais brancos foram para junto dêle.

NIENGUIRÚ - Dor insana, não me mates! Soldados buscai o infame canalha. (saem três a cumprir a ordem) Mas, dever eu chegar tarde... Corri a noite tôda e cheguei dez horas antes do prazo combinado, e contudo estas ruínas soterraram a esperança e a alegria do nosso povo. (dois soldados trazem prêsos Marangoa e Potirava) Ah, aí vem os abjetos capangas. Fôstes vós que tira stes a vida dos pais brancos? Infames e cruéis! (sacudindo-os veemente) Restitui-os! Restitui-os! Porque os matastes?

POTIRAVA - Assim morra todo aquêle que professa a religião dos brancos e quer acabar com as crenças dos nossos antepassados.

NIENGUIRÚ - Ah, mcrstro! será feito um severo julgamento.

POTIRAVA - Já sei que me vão enforcar. Mas pouco importa... dois vestes-negras já não vivem!

NIENGUIRÚ - Deshumano! Vieram para junto de nós nas matas virgens para fazer-nos filhos do grande Tupan; vieram para mostrar-nos o caminho do paraí do além das estrêlas, e em paga...

MARANGOÁ - Eu me arrependo. Os olhos de Marangoa estiveram cobertos de cegueira (soluçando) Fui matar com mão parriciada ao Pe. Roque... que amava os guaranis.

POTIRAVA - Criança covarde! que estás aí a piar?

MARANGOÁ - Já não te quero ouvir, demônio sedutor, (dá-lhe um empurrão) Derramai-me na testa a água santa - e então matai-me: Quero ir ao Pe. Roque e pedir-lhe perdão.

NIENGUIRÚ - Terás justiça, mas também o batismo.

SOLDADO - (entra o soldado que antes saíra com os outros dois) General, achei entre as ruínas o coração do Pe. Roque, traspassado por uma flecha, mas ainda intato das chamas.

NIENGUIRÚ - Só teu coração deixaste em herança aos teus filhos vermelhos. Mas não será o teu amor? Deixei que a dor cegasse. ( a Tucano) Inocente menino, vai e com a reverência deposita a santa relíquia sôbre a imagem da nossa mãe do céu. (Tucano sai com o soldado)

(tira um rolo branco da algibeira) Aí vinha eu trazer esta carta ao Pe. Roque. Veio ela de Buenos Aires, e sei que trás a notícia do desembarque de 10 novos pais brancos recém vindos da Europa. O sangue dos nossos pais já frutifica. Oh sim, dissipa-se o nevoeiro que pesava sôbre o meu espírito; pois que nossos pais agora e para sempre moram na casa de Tupan como padroeiros da nossa nação. (olha pelos bastidores) A preciosa relíquia aí che-





ga: Honras militares lh'as prestaremos. Soldados, prontidão! (distribuem-se pela esquerda e direita. -os artilheiros que ficaram fora á esquerda )  
Artilheiros, preparar salva!

### XI Cena

(entra Tucano com o coração do Pe. Roque, velado, sôbre a imagem)

NIENGUIRÚ - Soldados, apresentar arma! Artilheiros, em homenagem aos pais  
-os, (empunha a espada) desfechar salva! (Tucano se coloca ao fundo, vi-  
rado para frente). Ajoelha, Roque-mirim com o maior tesouro das Reduções  
guaranis. E todos nós, joelhos em terra, vamos a um santo juramento, aqui  
diante do coração de nosso pai querido. Soldados, joelhos por terra!  
(todos ajoelham, Potirava à fôrça; Nienquirú estende a espada por cima da  
reliquia durante o juramento que, pronunciado por êle, é repetido por todos).  
Querido pai martirizado - aqui sôbre teu coração traspassado - juramos unân-  
-mes em nome de todo o povo guarani - de seguir até a morte - as santas  
palavras que em vida nos dirigiste. - Juramos somente - de ser-te fiéis -  
e de proteger a preciosa herança - que legaste a teus filhos vermelhos. -  
Nunca abandonaremos o redil sagrado em que nos reuniste, até o dia em que  
o grande Tupan - nos chamar para junto de ti - à glória eterna do paraíso.

DESCE O PANO

CENA FINAL - Os três mártires, ajoelhados, com palmas nas mãos; por cima  
Dêles pairando um anjo, também com palma; Nienquirú, posição de proteger  
os mártires com a espada desembainhada; os demais aos lados; Potirava de  
costas voltadas para os mártires, amarrado; luz rósea)

ANJO - Qui ad justitiam erudiunt multos, fulgebunt quasi stellae in perpe-  
tuas aeternitates. - Os que ensinaram a justiça aos povos, brilharão como  
estrelas na eternidade dos séculos!

DESCE O PANO

FIM DA TRAGEDIA

A.M.D.G.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 838  
Fone: 336.0142 - CEP 90020-025